

REVISITANDO A PEDAGOGIA LIBERTÁRIA: REFLEXÕES SOBRE TRÊS PERSPECTIVAS CRÍTICAS RADICAIS

Odair Silva

Universidade Federal do ABC (UFABC)

odasilva@outlook.com.br

<https://orcid.org/0009-0004-0055-0608>

Verônica Eloí de Almeida

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e

Formação Humana (PPFH)/UERJ

veronicaeloi@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4694-8617>

RESUMO

Este ensaio propõe a apresentação e discussão sucinta a respeito de três perspectivas críticas radicais à educação formal e ao sistema escolar tradicionais: *Pedagogia Libertária*, *Aparelhos Ideológicos de Estado* e *Desescolarização da Sociedade* – desenvolvidas, respectivamente, por Roberto Freire, Louis Althusser e Ivan Illich. A partir da primeira delas, foram elaboradas articulações conceituais com as demais, objetivando identificar pontos de convergência, apesar de suas origens distintas; e refletir sobre a viabilidade, as limitações e potencialidades de suas manifestações práticas. Foram analisadas as obras fundamentais para o desenvolvimento de cada uma das perspectivas destacadas, em uma abordagem bibliográfica qualitativa, com viés comparativo. Também foram consultados materiais auxiliares de naturezas diversas, como outras obras dos mesmos autores, artigos acadêmicos e sites, para o esclarecimento de questões relacionadas aos conceitos principais. Conclui-se que, embora nos pareçam problemáticas e/ou limitadas enquanto subsídios conceituais para a elaboração de soluções educacionais sistêmicas, tais perspectivas constituem-se como referências críticas pertinentes, não necessariamente de um ponto de vista disruptivo, como talvez intencionassem seus autores, mas certamente emancipador, com potencial para inspirar o desenvolvimento e a implementação de mudanças localizadas e/ou de propostas paralelas, complementares à estrutura consolidada.

Palavras-chave: pedagogia libertária; aparelhos ideológicos de estado; sociedade sem escolas.

REVISITING LIBERTARIAN PEDAGOGY: REFLECTIONS ON THREE RADICAL CRITICAL PERSPECTIVES

ABSTRACT

This essay proposes a brief presentation and discussion of three radical critical perspectives on formal education and the traditional school system: Libertarian Pedagogy, Ideological State Apparatuses, and Deschooling of Society – developed, respectively, by Roberto Freire, Louis Althusser, and Ivan Illich. Conceptual connections with the others were developed based on the first of these perspectives, aiming to identify points of convergence, despite their distinct origins, and to reflect on the viability, limitations, and potential of their practical manifestations. The fundamental works for the development of each of the highlighted perspectives were analyzed using a qualitative bibliographical approach with a comparative bias. Auxiliary materials of various natures were also consulted, such as other

works by the same authors, academic articles, and websites, to clarify questions related to the main concepts. It is concluded that, although they seem problematic and/or limited as conceptual subsidies for the development of systemic educational solutions, such perspectives constitute pertinent critical references, not necessarily from a disruptive point of view, as their authors perhaps intended, but certainly emancipatory, with the potential to inspire the development and implementation of localized changes and/or parallel proposals, complementary to the consolidated structure.

Keywords: *libertarian pedagogy; ideological state apparatus; society without schools.*

REVISANDO LA PEDAGOGÍA LIBERTARIA: REFLEXIONES SOBRE TRES PERSPECTIVAS CRÍTICAS RADICALES

RESUMEN

Este ensayo propone una breve presentación y discusión de tres perspectivas críticas radicales sobre la educación formal y el sistema escolar tradicional: la Pedagogía Libertaria, los Aparatos Ideológicos del Estado y la Desescolarización de la Sociedad, desarrolladas, respectivamente, por Roberto Freire, Louis Althusser e Ivan Illich. Se desarrollaron conexiones conceptuales con las demás a partir de la primera de estas perspectivas, con el objetivo de identificar puntos de convergencia, a pesar de sus distintos orígenes, y reflexionar sobre la viabilidad, las limitaciones y el potencial de sus manifestaciones prácticas. Las obras fundamentales para el desarrollo de cada una de las perspectivas destacadas se analizaron mediante un enfoque bibliográfico cualitativo con un sesgo comparativo. También se consultaron materiales auxiliares de diversa índole, como otras obras de los mismos autores, artículos académicos y sitios web, para aclarar cuestiones relacionadas con los conceptos principales. Se concluye que, si bien parecen problemáticas y/o limitadas como subsidios conceptuales para el desarrollo de soluciones educativas sistémicas, tales perspectivas constituyen referentes críticos pertinentes, no necesariamente desde un punto de vista disruptivo, como tal vez pretendieron sus autores, pero ciertamente emancipador, con potencial para inspirar el desarrollo e implementación de cambios localizados y/o propuestas paralelas, complementarias a la estructura consolidada.

Palabras clave: *pedagogía libertaria; aparato ideológico del estado; sociedad sin escuelas.*

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio objetiva apresentar alguns dos principais pressupostos e uma análise comparativa de três perspectivas críticas radicais à educação formal e ao sistema escolar: Educação Libertária, Aparelhos Ideológicos de Estado e Desescolarização da Sociedade, apontando similaridades e distinções entre elas e problematizando a viabilidade de sua implementação.

A primeira delas, adotada como centro referencial da discussão, em relação à qual foram elaboradas as análises comparativas, foi desenvolvida por Roberto Freire, psiquiatra de formação, criador da Somaterapia, autor de mais de 30 livros – entre romances e ensaios – cuja atuação em áreas tão distintas quanto medicina, jornalismo, literatura, teatro, cinema e música, além da militância política, o tornaram um dos principais pensadores anarquistas/libertários brasileiros (Silva, 2015; Soma, [s.d]). A segunda perspectiva analisada foi elaborada pelo filósofo franco-argelino Louis Althusser, reconhecido por suas contribuições a respeito da teoria e obra de Karl Marx e do conceito de ideologia. A terceira foi desenvolvida por Ivan Illich, pensador austríaco de formação multidisciplinar – incluindo

ciências naturais, teologia e filosofia –, que atuou como padre durante uma parte considerável de sua vida, até romper com a igreja católica, tornando-se conhecido por suas críticas radicais a instituições consolidadas contemporaneamente, como a escola e a medicina.

Como referência primária para análise do pensamento de Freire, utilizamos seu livro *Pedagogia Libertária*, publicado originalmente em 1996. Como referências auxiliares, utilizamos: (1) o texto da seção dedicada ao autor na apostila *Educação Libertária*, organizada pelo Núcleo de Ação Direta Anarquista (Salvador – BA), em 1999, que, por sua vez, foi parcialmente constituído a partir da introdução de *Pedagogia Libertária*, porém numa outra edição, e de passagens de *Utopia e paixão*, escrito por Roberto Freire em parceria com Fausto Brito, publicado inicialmente em 1984; e (2) trechos do livro *Soma, vol. 3: corpo a corpo*, de Freire e João da Mata, publicado em 1993. Para o estudo da perspectiva de Althusser, consultamos *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, publicado pela primeira vez em 1970. Para a análise das ideias de Ivan Illich, utilizamos *Sociedade sem escolas*, também publicado originalmente em 1970.

2 METODOLOGIA

As três supracitadas perspectivas críticas radicais à educação formal e ao sistema escolar tradicionais – *Pedagogia Libertária*, *Aparelhos Ideológicos de Estado* e *Desescolarização da Sociedade*, desenvolvidas, respectivamente, por Roberto Freire, Louis Althusser e Ivan Illich – foram lidas e analisadas. Articulações conceituais foram realizadas e identificaram-se pontos de convergência, viabilidade, limitações e potencialidades de suas manifestações práticas. Tais articulações encontram-se apresentadas no capítulo três deste artigo. Também foram consultados materiais auxiliares de naturezas diversas, como outras obras dos mesmos autores, artigos acadêmicos e sites, para o esclarecimento de questões relacionadas aos conceitos principais.

3 DADOS BIBLIOGRÁFICOS E ANÁLISES

3.1 Pedagogia Libertária – Roberto Freire

O texto se inicia com a constatação dos mecanismos de chegada ao poder nas ditaduras e nas democracias capitalistas: nas primeiras, o poder é tomado por meio das armas, da fome e da morte; nas segundas, a noção e o aparato democráticos são instrumentalizados através da compra de votos e corrupção da Justiça. Apesar dessa aparente distinção, em ambos os casos, autoritarismo e violência estão na gênese do poder. Também em ambos os casos, a manutenção do poder se dá pelos mesmos mecanismos: família e escola, que, por meio da pedagogia autoritária, “visam reprimir nas crianças e nos jovens o sentimento e a necessidade da liberdade como condição fundamental da existência”, erradicando, dessa forma, “o espírito crítico e o desejo de participação ativa na sociedade”, tornando tais indivíduos dependentes, obedientes e submissos, primeiramente aos pais, depois à escola e, acima de tudo, ao Estado (Freire, 1996, p. 5).

A pedagogia autoritária doméstica (ou familiar) opera através de três dispositivos: (1) o pátrio poder, que estabelece, por lei, a obediência dos filhos aos pais até a maioridade; (2) o amor, instrumentalizado de maneira “chantagística”, de forma a legitimar e/ou viabilizar a dominação e a posse dos pais sobre os filhos; (3) a dependência financeira e material dos filhos em relação aos pais, também operacionalizada por meio de chantagens. A exposição a pelo menos um desses três dispositivos altera a personalidade do indivíduo, que, ao ingressar na instituição escolar, projeta nos professores a autoridade parental,

tornando-se ou incapaz de criticá-los ou incapaz de agir a partir dessa crítica, voltando sua insatisfação contra si mesmo, gerando como consequências a indiferença ao conhecimento e o baixo rendimento escolar (Freire, 1996).

Entende-se, portanto, que há ao menos duas facetas de pedagogia autoritária: uma doméstica (ou familiar) e outra escolar, sendo que ambas são interdependentes e complementares e estão inseridas dentro de um mesmo processo contínuo de condicionamento social, que visa, em última instância, à adequação dos indivíduos aos interesses do sistema no qual estão inseridos, cuja representação se dá pelo Estado. A seguinte passagem nos apresenta uma ideia mais clara e ampla a respeito de tais dinâmicas:

Homens e mulheres criados no ambiente familiar e escolar autoritários são os que garantem a manutenção das ditaduras e do capitalismo, bem como as falsas democracias. Eles “espelham e reproduzem o Estado”, são pessoas neuróticas, fracas, despreparadas, incompetentes e impotentes para a vida pessoal plena e social satisfatória. Servem apenas para se submeter, obedecer, entrar em linha de montagem na produção, ser massificadas pela mídia e votar a favor dos poderosos, mostrando-se indiferentes, se conseguem um trabalho que os sustente, à miséria da maioria. Como conseguiu estudar ou trabalhar no sistema, pode suportar, indiferente, a convivência com os setenta milhões de conterrâneos que vivem na mais completa miséria (Freire, 1996, p. 6).

A partir dessa análise, Freire (1996) declara a necessidade de refletirmos sobre as possibilidades de subversão do sistema político, principalmente no que diz respeito à pedagogia autoritária, que, como vimos, contribui significativamente para sua manutenção. Dessa forma, segundo o autor, torna-se urgente desenvolvermos formas de atuação libertária em todos os níveis da educação formal: creches, escolas primárias e secundárias e universidades.

3.2 Aparelhos Ideológicos de Estado – Louis Althusser

A princípio, podemos observar certa identificação entre as perspectivas de Roberto Freire e de Louis Althusser, principalmente quanto às relações entre família, escola e Estado, com ênfase na dimensão política das duas primeiras e, mais especificamente, no papel que desempenham em favor da manutenção e reprodução do sistema no qual estão inseridas, por meio da ideologia.

Apresentando de forma muitíssimo resumida sua elaborada argumentação, ou o recorte dela que nos interessa, inicialmente Althusser (1996) destaca a importância da distinção entre poder estatal e Aparelho de Estado: o sentido da existência do Estado está necessariamente relacionado ao poder estatal, que, por sua vez, constitui o objetivo de toda a luta política de classes, visto que é a partir da posse do poder estatal que uma classe – ou aliança, ou frações de classes – poderá utilizar o Aparelho de Estado de acordo com seus interesses.

Em seguida, o autor distingue dois tipos de Aparelho de Estado (AE): o Aparelho Repressivo de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). O primeiro “contém o governo, os ministérios, o exército, a polícia, os tribunais, os presídios, etc.”, constituindo uma unidade inteiramente pertencente ao domínio público; os segundos se referem a várias instituições que formam diferentes AIEs – religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, cultural e da informação – constituindo uma pluralidade majoritariamente pertencente ao domínio privado. Porém, a diferença essencial é que, enquanto o primeiro “funciona maciça e predominantemente pela repressão (inclusive a repressão física), e secundariamente pela ideologia”, os segundos, inversamente, “funcionam maciça e predominantemente pela ideologia, mas também funcionam secundariamente pela repressão”, ainda que esta possa ser “atenuada e escondida, até mesmo simbólica” (Althusser, 1996, p. 114-116).

As mencionadas características primárias do funcionamento dos Aparelhos Ideológicos de Estado permitem a constatação de uma outra característica fundamental, principalmente no que diz respeito à sua função política. Se é verdade que os AIEs “funcionam maciça e predominantemente pela ideologia”, também é certo que não se trata de qualquer ideologia ou de uma variedade de ideologias, mas de uma ideologia específica: a ideologia dominante, ou seja, a ideologia da classe dominante, que é aquela que detém o poder estatal (Althusser, 1996, p. 116). Dessa forma, temos aqui não apenas o elemento que unifica os AIEs – visto que todos, apesar de sua diversidade, operam em favor da mesma ideologia –, mas também um mecanismo fundamental para a manutenção do poder, complementar ao aparato primariamente repressivo, conforme enfatizado no seguinte trecho: “Ao que saibamos, nenhuma classe é capaz de deter o poder estatal por um período prolongado sem, ao mesmo tempo, exercer sua hegemonia sobre e dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado” (Althusser, 1996, p. 117).

Conforme já mencionamos, dentre os vários AIEs elencados por Althusser (1996), existem dois que nos interessam especialmente, para fins de análise em relação à perspectiva de Freire: o AIE familiar e o AIE escolar. A respeito do primeiro, o autor não chega a se dedicar exclusivamente, pelo menos não no texto aqui considerado, elaborando apenas comentários com referências pontuais; a respeito do segundo, porém, empreende um exame mais detalhado, principalmente quanto à sua função política no sistema social como um todo, referindo-se de maneira mais específica às dimensões produtiva e ideológica e à intersecção entre ambas.

Segundo Althusser (1996), o AIE escolar desempenha um duplo papel no que diz respeito à reprodução das condições de produção, essencial para a existência de qualquer formação social: ao mesmo tempo que promove a qualificação dos indivíduos que constituem a força de trabalho, também estimula sua submissão e adequação à ordem estabelecida e à função social que desempenharão nessa ordem. Tais dinâmicas ficam mais evidentes a seguir:

Que se aprende na escola? [...] aprende-se a ler, escrever e contar – isto é, algumas técnicas e também algumas outras coisas, inclusive elementos de “cultura científica” ou “literária” [...], que têm uma utilidade direta nos diferentes cargos da produção [...]. Mas, além dessas técnicas e conhecimentos, a escola também ensina as “normas” do bom comportamento, ou seja, a atitude a ser observada por cada agente na divisão do trabalho, conforme o emprego para o qual ele esteja “destinado” (Althusser, 1996, p. 108).

De acordo com a análise histórica do autor, um dos principais objetivos (e resultados) da Revolução Francesa foi o combate ao Aparelho Ideológico de Estado dominante até então: a Igreja; o que, por sua vez, teve como consequência a instalação do Aparelho Ideológico escolar “na posição dominante nas formações sociais capitalistas maduras”.

Dessa forma, considera-se que, por trás do AIE político burguês, constituído basicamente pelo regime de democracia parlamentar e que é a “representação ideológica que a burguesia tentou dar a si mesma e às classes que ela explora”, opera o aparelho escolar como AIE dominante, sendo inclusive possível afirmar que “o par escola-família substituiu o par Igreja-família” (Althusser, 1996, p. 120).

A partir dessa brevíssima exposição, observamos que as perspectivas de Freire (1996) e Althusser (1996) encontram certa correspondência, evidentemente quanto à função da família e da escola como agentes fundamentais para a manutenção da ordem social estabelecida. Apesar das diferenças nas abordagens – mais passional e idealista, no caso de Freire, mais científica e rigorosa, no caso de Althusser –, os pontos de vista de tais autores convergem em sua concepção dessas instituições como promotoras de uma subjetividade adequada ao *status quo*.

Também podemos encontrar convergência nas perspectivas de ambos a respeito do potencial subversivo dessas instituições, ou, pelo menos, da possibilidade de execução de estratégias de resistência, por parte de seus atores, dentro de seus limites. Mais especificamente, conforme já mencionado, Freire (1996, p. 6) afirma a necessidade de “refletir sobre a possibilidade de interferência no sistema político burguês capitalista, especialmente sobre a sua pedagogia autoritária”, enfatizando a urgência em “descobrir alguma forma de atuação libertária em todos os níveis, desde as creches, passando pelas escolas primárias e secundárias, chegando, por fim, à universidade”. Dessa forma, o autor não só admite a possibilidade de práticas subversivas dentro dessas instituições, como as considera necessárias, talvez justamente por levar em conta a importância de tais instituições na estruturação de nossa sociedade, ou por considerar que mudanças mais significativas ocorreriam através de processos mais lentos e difusos, o que inclusive justificaria, pelo menos parcialmente, a urgência com que conclama o início das intervenções subversivas.

Já Althusser (1996, p. 117) afirma que “os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não apenas o alvo, mas também o lugar da luta de classes”, esclarecendo que a classe – ou aliança de classes – detentora do poder estatal não é capaz de exercer ingerência sobre os AIEs com a mesma facilidade e a mesma intensidade com que o faz sobre o Aparelho Repressivo de Estado, visto que as antigas classes dominantes ali conservam posições de poder e as classes exploradas ali encontram meios e oportunidades de resistência. De qualquer forma, é evidente que o autor também concebe a escola, mesmo enquanto AIE, como espaço de tensão política, no qual a disputa ideológica pode se fazer presente, a depender das disposições, estratégias e atitudes de seus participantes, apesar de, a princípio e em geral, estar a serviço da ideologia da classe dominante, detentora do poder estatal.

3.3 Desescolarização da sociedade – Ivan Illich

Outra referência que oferece possibilidades de articulação com a pedagogia libertária de Roberto Freire é aquela fornecida por Ivan Illich, a partir de sua proposta de *desescolarização da sociedade*.

Basicamente, Illich (1985) elabora uma crítica rigorosa à *institucionalização da educação* e aos pressupostos e propostas a ela associados contemporaneamente, como a ideia equivocada de que a quantidade de tempo de escolarização equivale ao nível da competência individual, ou a pretensão de que a universalização do ensino formal, por si só, trará ganhos significativos para a sociedade. O autor também destaca as consequências perversas do fenômeno, como a instauração da hierarquização social baseada no nível de instrução escolar, ou a legitimação, a partir desse critério, das hierarquias já existentes. Na verdade, estes últimos exemplos estão diretamente relacionados a um outro processo

criticado por Illich (1985), que é o de *escolarização da sociedade*. Dessa forma, em sua perspectiva, temos dois fenômenos indesejáveis – institucionalização da educação e escolarização da sociedade – associados à existência do aparato escolar, cujos desdobramentos negativos se espalham pelas mais diversas instâncias individuais e sociais.

Mais especificamente, por exemplo, a respeito da mencionada proposta de universalização do ensino formal, o autor elabora uma argumentação articulada a partir do apontamento da influência de fatores que extrapolam o âmbito escolar e que colocam alguns indivíduos ou grupos sociais em situação desvantajosa, independentemente da instrução formal. Além disso, constata a discrepância entre o aumento significativo dos gastos com o sistema educacional e os ganhos insatisfatórios em termos de aprendizagem e incremento da condição social, demonstrando, por meio de evidências derivadas de diferentes disciplinas ou áreas do conhecimento – como sociologia, economia e administração pública – que tal proposta não é apenas insuficiente, mas também inviável (Illich, 1985).

A partir disso, Illich (1985) faz uma recomendação radical, que não admite a reforma do sistema educacional como solução para os problemas apresentados, considerando como única alternativa a destruição desse sistema, o que implicaria a desescolarização da sociedade, que, além da superação das questões já mencionadas, ainda ofereceria um maior potencial de aprendizagem e desenvolvimento pessoal para os participantes das práticas que engendraria. Nas palavras do próprio autor:

A educação universal por meio da escolaridade não é possível. Nem seria mais exequível se se tentasse mediante instituições alternativas criadas segundo o estilo das escolas atuais. Nem novas atitudes dos professores para com os seus alunos, nem a proliferação de novas ferramentas e métodos físicos ou mentais (nas salas de aula ou nos dormitórios), nem mesmo a intenção de aumentar a responsabilidade dos pedagogos até ao ponto de incluir a vida completa dos seus alunos, teria como resultado a educação universal. A busca atual de novos canais educativos deverá ser transformada na procura do seu oposto institucional: redes educativas que aumentem a oportunidade de cada um transformar cada momento da sua vida num outro de aprendizagem, de partilha e de interesse (Illich, 1985, p. 15).

Nas últimas páginas do primeiro capítulo de *Sociedade sem escolas*, Illich (1985) apresenta uma sugestão de prática socioeducativa que contemplaria a perspectiva de desescolarização: encontros intelectuais entre desconhecidos, articulados através de ferramentas tecnológicas (computador e telefone) e motivados por interesses culturais (livros, filmes, músicas, etc.) em comum, nos quais a aprendizagem se daria por meio da troca espontânea de conhecimentos e experiências, complementados por outras possibilidades derivadas de tal forma de interação pessoal não hierarquizada. Conforme mencionado, trata-se apenas de uma sugestão do autor, com vistas a ilustrar sua proposta e inspirar a elaboração de outras medidas alternativas.

Infelizmente, os materiais aos quais tivemos acesso e que utilizamos como referências para a análise das ideias de Roberto Freire apresentam poucas reflexões voltadas diretamente à forma escolar, privilegiando, em vez disso, a discussão a respeito, especificamente, da pedagogia e sua instrumentalização política. Porém, levando em conta o papel fundamental destas últimas na configuração da instituição escolar, consideramos que a reflexão a respeito de uma potencialmente incide sobre a outra, visto que estão quase que necessariamente imbricadas. Dessa forma, ao analisar a perspectiva pedagógica de Freire (1996) podemos imaginar algumas possibilidades de configuração escolar constituída a partir dos valores e práticas propostos pelo autor, mesmo que ele próprio não chegue a desenvolver ou sugerir um modelo específico. Podemos ainda – e talvez esta opção seja até mais promissora – conceber, a partir de suas ideias, iniciativas coletivas de

formação pessoal que não estejam inscritas na forma e nas dinâmicas da instituição escolar, em consonância com a proposta de desescolarização da sociedade elaborada por Illich (1985).

Por meio da análise das perspectivas pedagógicas e do posicionamento político (anarquista) de ambos os autores, imagina-se que as alternativas educacionais adequadas às suas ideias teriam necessariamente um caráter libertário, provavelmente enviesado politicamente à esquerda – pelo menos se priorizarmos a perspectiva de Freire (1996); quanto a Illich (1985), não há como saber exatamente, a partir dos materiais analisados, apesar de alguns de seus argumentos estarem em certa consonância com o ideário libertário atualmente situado mais à direita no debate público, o que não necessariamente implica uma identificação do autor com tal campo político –, sendo permeadas por valores como autonomia, responsabilidade e solidariedade, e conferindo grande importância às dimensões afetiva, corporal e relacional das práticas.

Aliás, Illich (1985) observa a escola e outras instituições da sociedade moderna de forma extremamente crítica, o que a princípio pode até confundir o leitor pela acidez de suas percepções. Mas, a desescolarização é diferente do *homeschooling* ou educação domiciliar, por exemplo, porque nesta perspectiva a pessoa aprende a partir de um currículo, que é escolar, mas domiciliarmente, enquanto a desescolarização está dissociada do currículo escolar, que para o autor está a serviço do controle social.

Com as sociedades industriais, a escola foi posta como a única responsável pela educação, e tem seguido centrada no ensino, produzindo diplomas, hierarquias e discriminações. Mas, a educação é mais ampla, e vai muito além da escola (Sociologia artesanal, 2021). Por isso, os processos educacionais intensos a partir das redes de aprendizagens seriam mais interessantes, já que são baseados mais nas aprendizagens do que no ensino, e que em linhas gerais, reuniriam pessoas que desejam aprender em qualquer idade com outras que compartilhariam o que sabem (Sociologia artesanal, 2021).

Entretanto, a princípio não consideramos as possibilidades derivadas da pedagogia libertária, de Freire (1996), e da desescolarização da sociedade, de Illich (1985), como alternativas sistêmicas ao atual aparato educacional formal, ou seja, a princípio não concebemos as possibilidades pedagógicas derivadas de tais perspectivas como substitutas adequadas do modelo escolar em nível amplo, muito menos de forma compulsória e universal, realizando a simples destituição de um paradigma (escolarização) em favor de outro (desescolarização). Aliás, nutrir expectativas desse tipo seria um contrassenso, levando em conta os fundamentos libertários do pensamento de ambos os autores. Em vez disso, consideramos que as possibilidades elaboradas a partir da pedagogia libertária e da desescolarização da sociedade poderiam ser alternativas *complementares* ao modelo escolar atualmente vigente, implementadas de maneira mais difusa e em caráter experimental, como parte de um processo não necessariamente teleológico, porém pautado por alguns princípios. Tais impressões se fundamentam em passagens como a seguinte, embora esta não esteja diretamente voltada à pedagogia ou à escola, mas trate de valores e conceitos que permeiam toda a obra de Roberto Freire:

O Anarquismo não tem uma proposta fechada de organização social. Não é um objetivo a ser alcançado, mas, sim, um processo de transformação a ser construído. A prática anarquista em direção a uma nova sociedade se dá na eliminação do poder autoritário, na busca do restabelecimento da ordem natural e da harmonia social autogestiva (Freire; Mata, 1993, p. 31).

4 CONCLUSÕES

A partir dessa breve análise da perspectiva pedagógica de Roberto Freire, aliada às também breves análises das ideias de Althusser e Illich, podemos identificar elementos de convergência que, se a princípio não apresentam soluções concretas para as questões colocadas, pelo menos nos fornecem recursos intelectuais que favorecem a adoção de uma postura crítica a respeito da instituição escolar e suas práticas pedagógicas, permitindo o reconhecimento de alguns de seus elementos potencialmente problemáticos, assim como das dinâmicas e desdobramentos das relações nas quais estão enredadas. Além disso, a partir de tais referências, entramos em contato com um conteúdo inspirador para a elaboração de reflexões com vistas ao desenvolvimento de soluções ou, pelo menos, estratégias de contenção ou minimização dos aspectos perversos da pedagogia e do modelo escolar dominantes.

Talvez um estudo mais aprofundado das ideias de Roberto Freire, não apenas a respeito da pedagogia, mas também de outras dimensões relacionadas, e a análise de suas experiências e das de alguns participantes de seus cursos de pedagogia libertária sejam capazes de revelar outros elementos conceituais e sugestões práticas de atuação subversiva a partir do aparato escolar, ou mesmo possibilidades para além desse modelo.

De qualquer forma, consideramos que o assunto não se esgota nas dimensões e questões abordadas por esses autores, e que uma discussão realmente promissora teria que recorrer a outras referências teóricas, além de considerar diversos elementos práticos e conjunturais relacionados à realidade social específica à qual estivesse voltada, principalmente se houver a pretensão de elaboração de medidas concretas – por meio de práticas comunitárias ou políticas públicas, por exemplo.

Sendo assim, entendemos que a principal contribuição deste artigo é a adição de uma articulação de referências, de caráter crítico e potencialmente subversivo, à infindável reflexão a respeito dos processos educacionais, em suas várias dimensões – política, social, psicológica, etc. – com o objetivo de realizar mais plenamente seu potencial emancipador.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In.: ŽIŽEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FREIRE, R. **Pedagogia Libertária (I)**: síntese do curso realizado no Tesão – Casa da Soma. São Paulo: Sol & Chuva, 1996.

FREIRE, R.; BRITO, F. **Utopia e paixão**. São Paulo: Sol & Chuva, 1984.

FREIRE, R.; MATA, J. **Soma**: corpo a corpo (a síntese da Soma). São Paulo: Sol & Chuva, 1993. v.3

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, C. F. Roberto Freire: um Zaratustra em Visconde de Mauá. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS, 28. 27-31 jul. 2015. Florianópolis, **Anais** [...] – Santa Catarina [s.n.t].

SOCIOLOGIA artesanal. Ivan Illich e a sociedade sem escolas | Sociologia da Educação]. YouTube, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LKtR5RJyS8s>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SOMA. **Biografia de Roberto Freire**. Soma – uma terapia anarquista, [s. d.]. Disponível em: <http://www.somaterapia.com.br/soma/biografia-de-roberto-freire/>. Acesso em: 3 maio 2025.